

Comitê espera pagamento de juros

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

Banqueiros ligados ao comitê assessor de bancos para o Brasil esperam que o País "volte a pagar os juros e comece a renegociar sua dívida externa tão rápido quanto possível", segundo disseram ontem a este jornal.

Os bancos credores fixaram três pontos para ressaltar em suas conversas correntes com o negociador brasileiro, Jório Daus-ter.

A renegociação e o pagamento são os dois primeiros. O outro é o uso do canal que os bancos consideram apropriado para a negociação, o comitê assessor. Os banqueiros ouvidos por este jornal não quiseram comentar o desejo do governo brasileiro de alterar o comitê porque ainda não receberam propostas concretas.

O momento atual parece encontrar os bancos comerciais dos Estados Unidos mais fortes pelo menos em relação à dívida dos países menos desenvolvidos, na avaliação da agência inglesa especializada em análise do setor, IBCA Bank Analysis. Em sua dura avaliação do sistema bancário dos EUA em agosto, a agência britânica lista pela primeira vez a questão da dívida dos países menos desenvolvidos na coluna de "boas notícias".

"No final de 1989, essas empresas tinham reservas iguais a quase a metade de sua exposição de médio e longo prazo remanescente de US\$ 42 bilhões aos países em desenvolvimento", diz seu diretor de pesquisa em Nova York, Mark Gross. "Quatro anos antes, as reservas totalizavam apenas 5% de uma exposição superior a US\$ 66 bilhões. Além disso, a exposição líquida de médio e longo prazo já estava abaixo de 25% das ações no final de 1989, comparada com mais de 125% quando a crise emergiu em 1982."

Os dados computados pela IBCA parecem convincentes. Nos últimos três anos, os 52 maiores bancos dos EUA descartaram US\$ 14 bilhões em maus empréstimos (não pagos) a países em desenvolvimento.

A despeito de todos os seus problemas com esses países, no entanto, as relações por ação desses bancos terminaram a década perto dos seus níveis em 1982. Por exemplo, a ação comum era 5,26% dos ativos em 1982 e estava em 5,32% no final de 1989.

"Nós consideramos que os empréstimos aos países em desenvolvimento, na sua maior parte, não são mais um problema para os bancos", conclui Gross. Ele reconhece que talvez seja surpreendente "ver esse assunto como um item de boas notícias", mas nota que a revitalização das reservas e do capital dos bancos comerciais assegura que o peso desses empréstimos já não ameaça a sobrevivência do setor.

Na outra ponta, a revisão das projeções de lucros do setor por Thomas H. Han-

ley e sua equipe na Salomon Brothers Inc. indica que os bancos continuam fracos por outras razões, que são igualmente listadas pela IBCA: a crise dos bônus de lixo, a crise do mercado imobiliário e, sobretudo, a ameaça de recessão na economia dos EUA.

Levando em conta esses fatores, Hanley acredita que os lucros operacionais líquidos dos 35 maiores bancos do país vão cair 19,4% em 1990 para US\$ 9,6 bilhões.

O descarte de dívidas não pagas deverá aumentar para US\$ 18 bilhões (incluindo empréstimos internos e US\$ 7,5 bilhões de países em desenvolvimento), vindo de US\$ 14,2 bilhões (dos quais US\$ 6,8 bilhões de países em desenvolvimento) no ano passado.